

OLHARES DE JOVENS TRABALHADORES SOBRE O MOVIMENTO SINDICAL

YOUNG WORKERS VIEWS ON THE UNION MOVEMENT

*Mariana Hansen Garcia*¹

*Marilis Lemos de Almeida*²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as percepções de jovens trabalhadores e dirigentes sindicais em relação aos sindicatos e observar as diferentes perspectivas entre ambos, assim como aquelas decorrentes do tipo de inserção ocupacional e da centralidade atribuída ao trabalho em suas vidas. A escolha metodológica recaiu sobre a pesquisa qualitativa, considerada a mais adequada para o objetivo proposto. Foram realizadas 25 entrevistas semiestruturadas: nove com dirigentes da Juventude da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e 16 com jovens trabalhadores metalúrgicos e telefônicos, oriundos da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). As conclusões revelaram, de um lado, críticas à atuação sindical, dificuldade de aproximação entre jovens e sindicatos e resistência às formas de participação tradicionais, mas, de outro, também apontaram o reconhecimento da importância dos sindicatos como força social e reguladora das relações de trabalho. Tais conclusões elucidam os desafios colocados aos sindicatos pelos jovens, que demandam efetiva integração nessas organizações.

Palavras-chave: juventude, movimento sindical, jovens trabalhadores, sindicatos, participação juvenil.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the perceptions of young people – workers and union leaders – in relation to unions, observing the different perspectives between both of them and also according to the kind of occupational insertion and the centrality of work in their lives. Our methodological choice was qualitative research, considered more appropriate to the proposed objective. There were done 25 semi-structured interviews, nine of them with young leaders of *CUT* and 16 with young workers of the metallurgical and the telephonic sector from the *RMPA*. The conclusions revealed, on the one hand, criticism from young workers of union action, difficulty in bringing young people and unions together, and resistance to traditional forms of participation, but also pointed to the recognition of the importance of unions as a social and regulatory force in work relations. Such conclusions elucidate the challenges posed to the unions by young workers, who demand effective integration of them.

Keywords: youth; union movement, young workers, unions, youth participation.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: marianagarcia.h.g@gmail.com

² Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: marilis_almeida@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Decerto que o movimento sindical é expressão de umas das forças sociais mais importantes de sociedades salariais, uma vez que se constitui contraponto necessário, em contextos democráticos, à força do capital. Nesse sentido, os sindicatos são vitais no estabelecimento dos pactos entre capital e trabalho e imprescindíveis à regulação das relações de trabalho.

Apesar disso, o sindicalismo vem sendo desafiado em múltiplas frentes; o declínio das taxas de filiação é a expressão mais visível e contundente das dificuldades enfrentadas para manter e conquistar novos associados. A redução no número de filiados ao sindicato cai ano após ano, configurando uma tendência que se mantém mesmo em períodos de crescimento da ocupação. Segundo dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), nem mesmo a ligeira melhora da ocupação ocorrida em 2018 conseguiu reverter o movimento de queda da sindicalização, no ano de 2022, registrou-se o menor percentual de sindicalização (12,5%) desde 2012, quando a taxa era de 16,1%. É certo que o número de filiados se trata de uma medida incompleta e imprecisa sobre a importância e o poder dos sindicatos (CARDOSO, 2015; ALCANTARA E SILVA; KREIN, 2015), mas, sem dúvida, tais dados alertam sobre a capacidade de renovação tanto da base quanto dos dirigentes dessas organizações.

Entender essa questão torna-se estratégico para a manutenção das atividades sindicais, especialmente a partir do fim da obrigatoriedade do imposto sindical. Os sindicatos não estão conseguindo agregar novos trabalhadores ao movimento. Em 2014, por exemplo, a taxa de sindicalização de jovens foi de 10,7%, enquanto a de adultos representou 18,4% (IBGE, 2014). Soma-se a isso a baixa representatividade dos jovens entre os líderes sindicais (DIEESE, 2015). O afastamento desse grupo dos sindicatos complementa e reforça o quadro geral de redução das filiações sindicais apontado, o que gera questionamentos e um imenso desafio para essas identidades em termos de ampliação de sua base.

Os estudos existentes sobre a área revelam a multiplicidade de aspectos que estão na base da redução da filiação sindical e que precisam ser enfrentados pelos sindicatos. Cardoso (2015) destaca questões de ordem política e ideológica que afetam globalmente movimentos de esquerda, entre eles os sindicatos. A atualidade e importância dessas questões no Brasil são inegáveis, considerando tanto o crescimento dos movimentos conservadores situados à direita do espectro político, quanto o avanço das perspectivas liberalizantes, expressas nas recentes ações do governo, que dificultam a sustentação dos sindicatos e desarticulam sua capacidade de negociação coletiva. A par disso, questões ligadas à organização do trabalho, como a terceirização; e às novas formas de trabalho, que se expandiram a partir da reforma trabalhista, como o trabalho intermitente e o exercido no domicílio, bem como as dinâmicas do mercado de trabalho, têm gerado nos anos recentes o aumento dos empregos precários e um crescente contingente de jovens fora da força de trabalho, contribuindo para a redução progressiva da base sindical.

A esses fatores se somam resultados de estudos que apontam para a falta de identificação dos jovens com as pautas e com a forma de organização sindical, além da descrença nas formas tradicionais de representação (DRUCK; OLIVEIRA; SILVA, 2010; BRAGA; SANTANA, 2015). Os sindicatos reduziram o recurso à mobilização em massa das suas bases, quer por incapacidade de promover ações deste tipo, por escolhas estratégicas que levaram a priorizar outras formas de atuação ou pela proximidade com os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), passando a priorizar a negociação. No entanto, esse caminho trouxe como consequência a perda da força dos sindicatos, especialmente em comparação à sua forma de atuação mais tradicional e radical (CARDOSO, 2015; ANTUNES, 2015). Nesse cenário, é compreensível que nas Jornadas

de Junho de 2013³, que assolaram o país e tiveram grande participação de jovens, a presença dos sindicatos tenha sido irrisória (BRAGA; SANTANA, 2015).

Tendo em vista tal contexto, trazemos para o debate as percepções sobre os sindicatos de dirigentes sindicais da Juventude da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e de jovens trabalhadores da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), sindicalizados e não sindicalizados, de duas categorias (metalúrgicos e telefônicos). O objetivo é analisar essas percepções em relação aos sindicatos, observando possíveis diferenças decorrentes do tipo de inserção ocupacional e da centralidade atribuída ao trabalho em suas vidas. Adicionalmente, o olhar dos jovens dirigentes promove uma inversão parcial de perspectiva, na medida em que tematiza a abertura dos sindicatos para receber os jovens e incorporar suas pautas como sindicais.

Para este artigo considerou-se nove entrevistas com dirigentes da Juventude da CUT e 16 entrevistas com jovens trabalhadores metalúrgicos (nove entrevistados) e telefônicos (sete entrevistados), sendo oito afiliados e oito não filiados aos sindicatos correspondentes, todos localizados na RMPA. Com relação à escolha das categorias, os telefônicos se incluem no setor de serviços, que responde pelo maior número de ocupados, com maior porcentagem de jovens e de sindicalizados. Já os metalúrgicos fazem parte do setor da indústria, o qual, apesar de vir perdendo espaço na economia e na área sindical, ainda é aquele com a maior taxa de sindicalização⁴. A definição dessas categorias partiu da consideração de que, sob a denominação ampla de movimento sindical, há uma grande heterogeneidade de práticas e arranjos sindicais que variam de acordo com a categoria, região, país e ao longo do tempo.

Assim, como primeiro critério de seleção foram considerados os sindicatos mobilizados, isto é, associados à mesma Central Sindical e localizados na RMPA, com o objetivo de minorar as diferenças de práticas e percepções entre os sindicatos e o efeito da localização geográfica. O segundo critério foi a inclusão de categorias de maior peso no setor privado. Por fim, o terceiro critério, inversamente, buscou acentuar as diferenças quanto ao tipo de inserção ocupacional dos trabalhadores pertencentes aos sindicatos escolhidos. Desse modo, optou-se por duas categorias: a dos metalúrgicos, composta por trabalhadores com inserção ocupacional mais estruturada e caracterizada por trajetórias profissionais contínuas, melhor remuneração e maior qualificação profissional; e a dos telefônicos, menos estruturada e compreendida como um trabalho de passagem, na qual encontram-se trajetórias ocupacionais mais fragmentadas e descontinuadas, trabalho menos qualificado e com menor nível de remuneração.

Os resultados serão apresentados em duas partes. Na primeira, são trazidas as percepções dos trabalhadores metalúrgicos e telefônicos sobre participação sindical e sindicatos, cotejando-as com as relações e os vínculos estabelecidos com o trabalho. Na segunda parte problematizam-se as relações entre os sindicatos e os jovens, apresentando as tensões que desafiam os sindicatos na incorporação da juventude ao movimento sindical e as transformações associadas a esse movimento.

³ As Jornadas de Junho foram uma série de manifestações que se iniciaram em junho de 2013, tendo inicialmente como motivação principal a luta contra o aumento das tarifas de ônibus. As manifestações se espalharam por cidades de todo o país e passaram a incorporar novas pautas.

⁴ É importante ressaltar que, comparativamente, no setor público as taxas de sindicalização são superiores às do setor privado urbano. Além disso, há configurações distintas na composição dos trabalhadores filiados, inclusive com uma maior parcela de trabalhadores jovens sindicalizados, como vem sendo identificado pelas pesquisas de Rodrigues e Ramalho (2014). Igualmente, vale chamar atenção para novas e interessantes dinâmicas de sindicalização observadas no meio rural. Rodrigues e Ladosky (2015) observaram o aumento do associativismo rural, na base cutista, com participação expressiva de trabalhadores rurais não assalariados e crescimento da filiação de mulheres desse meio. Os autores demonstraram que, em 2013, os trabalhadores rurais associados à CUT já representavam quase metade dos sindicalizados na entidade.

2. TRABALHO E PARTICIPAÇÃO SINDICAL

Compreender o lugar do sindicato na vida dos jovens requer entender o lugar que o trabalho ocupa na vida deles, dado que esses ambientes se conformam enquanto instituições de representação e defesa dos trabalhadores. O sindicato se torna visível aos jovens a partir de sua inserção na força de trabalho, e é no processo de construção de sua identidade como trabalhador que essa entidade se reveste da dimensão simbólica que expressa e reforça o vínculo que estabelece com o mundo do trabalho. Diante dessa perspectiva, o tipo de inserção dos jovens no mercado laboral e o sentido que eles atribuem ao trabalho são aspectos potentes para o entendimento das relações estabelecidas com os sindicatos.

A parcela jovem desponta como o segmento da população com maior dificuldade de inserção ocupacional: destaca-se tanto entre os desocupados, quanto entre aqueles que compõem a força de trabalho potencial na condição de desalentados. Não deixa de ser paradoxal que, se de um lado há uma expectativa social que os jovens, especialmente ao final da vida escolar, transitem para a condição de trabalhador, como aponta Guimarães (2006); por outro existe um mercado de trabalho pouco receptivo a esse grupo, especialmente em momentos de retração do nível de ocupação. E quando, enfim, os jovens logram inserir-se nesse mercado, frequentemente o fazem em ocupações precárias, com baixa remuneração e alta rotatividade e desempenhando atividades sem perspectivas de continuidade. A alternância entre as situações de ocupado e desocupado, as frequentes mudanças de emprego e as entradas e saídas da força de trabalho tornam a transitoriedade uma marca da inserção juvenil que dificulta a constituição de vínculos com o trabalho, a profissão e os colegas. Nesse sentido, torna-se necessário compreender que efeitos a inserção precária e a situação de fragilização dos vínculos e de impermanência em relação ao trabalho produz sobre o conhecimento e a percepção dos jovens acerca das atividades sindicais e de sua participação efetiva nos sindicatos.

As trajetórias profissionais dos metalúrgicos e dos telefônicos pesquisados apresentam diferenças significativas, o que permite dialogar com a questão proposta. A dos telefônicos é mais descontinuada, pois os jovens transitaram entre empregos em diferentes áreas, bem como entre estados de emprego e desemprego, formalidade e informalidade. Uma hipótese sugerida é que essa impermanência característica, em que o emprego atual é vivido como um “trabalho de passagem”, dificultaria a identificação com a categoria, contribuindo para o enfraquecimento dos vínculos com o sindicato e para o alheamento à vida sindical.

Já os metalúrgicos possuem, em geral, maior tempo de serviço na área da metalurgia e também de inserção nas empresas em que atuam. A maioria dos trabalhadores metalúrgicos entrevistados realizou cursos técnicos relacionados às áreas de atuação, em contraste com os telefônicos, que afirmam não terem passado por nenhum tipo de formação específica para a função que desempenham. Os metalúrgicos contaram, portanto, com o que Dubar define como “processo específico de socialização, ligando educação, trabalho e carreira” (2012, p. 354). Alguns desses jovens, ainda, pertencem à segunda geração de trabalhadores metalúrgicos da família, contribuindo para a constituição de uma “identidade de ofício” (DUBAR, 2006) que pode resultar em maior conhecimento dos trabalhadores sobre os sindicatos e em taxas mais elevadas de filiação. Nesse caso, assume-se a hipótese de que o sindicato constitui forma adicional de vínculo com a atividade, reforçando a identidade profissional em construção e, assim, favorecendo maior proximidade e participação nos sindicatos da categoria, mesmo com críticas à forma de atuação desses.

De fato, observamos na pesquisa que os jovens metalúrgicos estavam há mais tempo na categoria, possuíam carreiras profissionais mais lineares e contínuas e, ainda que

eventualmente mudassem de emprego, detinham mais informações sobre os sindicatos, mesmo aqueles não sindicalizados. Diferentemente, os telefônicos possuíam trajetórias ocupacionais mais fragmentadas, passando por diversos trabalhos em setores ocupacionais distintos e, especialmente os não sindicalizados, possuíam pouquíssimas informações sobre o sindicato. Dessa forma, os resultados sugerem que a trajetória ocupacional mais linear e em categoria mais estruturada, como a dos metalúrgicos, favorece maior conhecimento sobre os sindicatos. Ao contrário, trajetórias fragmentadas, sem especialização, em categorias relativamente mais precárias, a exemplo dos telefônicos, se traduzem em desconhecimento mais expressivo sobre as instituições sindicais.

A segunda dimensão relevante para pensar as relações dos jovens com o sindicato diz respeito ao sentido que o trabalho possui em suas vidas. Segundo Dubar (2006, 2012) o trabalho enquanto “ofício” e “profissão” vai além da dimensão financeira, uma vez que engloba aspectos simbólicos conectados à autorrealização e ao reconhecimento social. A construção da identidade por meio do trabalho envolve a valorização da atividade exercida, por isso, a ligação entre os sentidos e os significados atribuídos ao trabalho e a identificação com o trabalho realizado. Em sua obra mais recente, Dubar afirma que o trabalho como fonte de reconhecimento e de identificação com outros trabalhadores que desenvolvem as mesmas atividades – processo por meio do qual as pessoas se constituem enquanto indivíduo e coletivo – está em crise. Trata-se do enfraquecimento da dimensão moral do trabalho, responsável por vincular os indivíduos à sociedade ao produzir o sentido de pertencimento social e o reconhecimento advindo dele. Permanece, sobretudo, a dimensão instrumental de produção dos meios de vida.

Fortalecendo essa conclusão, nesta pesquisa entre os jovens trabalhadores metalúrgicos e telefônicos, sindicalizados e não sindicalizados, a dimensão econômica é a mais lembrada ao serem indagados sobre significado do trabalho em suas vidas⁵. O sustento financeiro desponta como aspecto essencial, resposta vinculada frequentemente a uma explicação sobre o fato de que, na sociedade capitalista contemporânea, o dinheiro é necessário para garantir a sobrevivência e a inserção social. Tal achado reforça o argumento de Antunes (2009) sobre a priorização do âmbito do “valor de troca” do trabalho. É possível observar nas respostas que a conexão de sentido estabelecida entre o trabalho e seu aspecto financeiro para eles é algo óbvio, que não exigiria comentários adicionais, uma vez que decorre da forma como nossa sociedade se estrutura.

Trabalho é uma oportunidade de ganhar um dinheiro, adquirir bens materiais e ter mais conforto. (Cláudio, metalúrgico, não sindicalizado, 26 anos)

Hoje em dia tudo é baseado no dinheiro; quem não trabalha não consegue se manter. (Marcelo, telefônico, sindicalizado, 28 anos)

Os resultados aqui obtidos vão ao encontro dos apresentados na Agenda Juventude Brasil, que apontam o salário como a motivação da maioria dos jovens para trabalhar (64%), seguida pela segurança proporcionada pela carteira assinada (34%) (ABRAMO et al., 2014). O trabalho é valorizado, sobretudo, por permitir maior estabilidade e segurança, perspectiva que tem como justificativa a grande preocupação com o desemprego. Não possuir emprego representa sofrimento, incapacidade de realizar outros planos e dar prosseguimento à vida.

Agora eu estou pensando em fazer um concurso público, mas também não é algo que eu queira fazer, como eu ainda não consegui terminar a graduação eu vou ter que fazer nível médio, também não vai ser o salário sonho da minha vida. Mas eu penso em pelo menos fazer algo do gênero para conseguir ter alguma estabilidade financeira.

⁵ A pergunta formulada aos entrevistados foi: “O que é o trabalho para você/na sua vida?”.

Porque sem estabilidade financeira eu não consigo estudar, eu não consigo fazer mais nada, eu fico só preocupada e muito nervosa assim. Antes desse emprego, por exemplo, eu não conseguia dormir, porque eu pensava que eu não ia pagar o aluguel, doía meu estômago, eu não conseguia fazer nada, nada. (Fabiana, telefônica, não sindicalizada, 26 anos)

Segundo Dubar (2012), a prevalência do sentido instrumental do trabalho sobre a dimensão identitária produz uma perda de satisfação com o trabalho exercido e, mesmo que esse não represente “obrigação”, “tortura” ou algo negativo, tampouco simboliza algo prazeroso e positivo. Reforçando esta análise, a pesquisa da Agenda da Juventude Brasil afirma que a grande maioria dos entrevistados apontou haver algum trabalho que gostariam de fazer (79%), mas que só 6% gostam da ocupação em que estão de fato inseridos. (ABRAMO et al., 2014). Resultados similares foram encontrados nesta pesquisa, na qual observamos nos telefônicos e metalúrgicos insatisfação generalizada com os empregos atuais e procura por novas oportunidades de trabalho. O desejo de mudar de ocupação é motivado não só pela busca de melhores remunerações e condições de trabalho, mas também pela perspectiva de exercerem alguma atividade de que gostem e na qual sintam-se valorizados.

O trabalho hoje é questão de renda familiar mesmo, não passa muito mais do que isso, não é o que eu quero para minha vida, é mais de momento agora. Tanto que eu estou estudando, estou na faculdade. (Fernando, telefônico, sindicalizado, 25 anos)

Ressalta-se que – com exceção de um trabalhador metalúrgico que exerce cargo de chefia e afirmou estar satisfeito com seu trabalho – todos os funcionários demonstraram querer trocar de emprego. Esse dado nos surpreendeu, pois supúnhamos inicialmente que os metalúrgicos – por estarem em profissões especializadas, com possibilidades de ascensão e em ocupações mais estruturadas – estariam mais satisfeitos com seus trabalhos e teriam perspectivas de se manter em suas funções. Por outro lado, isso vai ao encontro da alta rotatividade verificada entre jovens no mercado de trabalho, das trajetórias descontínuas e da provisoriedade dos vínculos como trabalhador.

Destaca-se, ainda, a emergência de uma dupla percepção sobre o trabalho, de um lado sobre aquele efetivamente exercido, considerado não satisfatório e incapaz de produzir um sentido que ultrapasse a dimensão instrumental e, de outro, acerca do trabalho projetado, que se apresenta como aspecto importante da vida e é reconhecido como espaço de realização. O trabalho enquanto fonte de auto-realização, com sentido pessoal e social, emerge para a maior parte dos jovens entrevistados apenas como projeção futura, um trabalho ideal, que não corresponde àquele efetivamente realizado, podendo vir a ocorrer ou não.

Eu estou ali pelo dinheiro, pelo meu sufoco. Mas o que eu quero trabalhar mesmo é com radiologia, trabalhar em hospital. (Frederico, metalúrgico, sindicalizado, 28 anos)

Há, portanto, o reconhecimento da importância do trabalho como produtor de sentido na vida social e para a constituição das identidades. Esse sentido, porém, não reside no trabalho que realizam, mas no trabalho desejado. Tais resultados aproximam-se daqueles encontrados por Dubar (2012), que explora o conceito de um trabalho que seja fonte de reconhecimento social, no qual seja possível encontrar chances de crescer profissionalmente e de se realizar pessoalmente.

Mas a longo prazo eu queria trabalhar com alguma coisa que eu consiga ver um resultado imediato, que seja uma coisa concreta. Queria aprender marcenaria, fazer uma cadeira e vender a cadeira que eu fiz, isso faz sentido, isso é um trabalho pra mim, isso na minha cabeça é um trabalho. Mas, enfim, tendo que se sustentar fica difícil. (Fabiana, telefônica, não sindicalizada, 26 anos)

Tal como identificado por Antunes (2009), há uma valorização do “valor de uso” do trabalho, ou seja, um trabalho cujo resultado tenha sentido concreto e utilidade. A fala de Fabiana ilustra essa concepção, uma vez que a entrevistada afirma buscar uma ocupação que também tenha valor de uso. Portanto, se de um lado se desenha uma insatisfação com o trabalho realizado – expressão de uma inserção precária dos jovens no mercado de trabalho –, por outro observa-se uma projeção positiva do trabalho para o futuro: uma função idealizada que guarda sentido, mas que talvez jamais se concretize.

Retomando de outra forma a questão posta ao início desta seção, considerando essa inserção precária e a possível perda da referência do trabalho como fonte produtora de sentido, de identidade e de pertencimento coletivo, poderiam ainda assim os jovens trabalhadores constituir os vínculos necessários à construção da identidade de trabalhador como ator coletivo, os quais constituem a base das entidades de representação de classe? O desafio colocado por essa pergunta torna-se maior se considerarmos os vários estudos (CORROCHANO; DOWBOR; JARDIM, 2018; GOHN, 2018; BRAGA; SANTANA, 2015; NASCIMENTO; CORROCHANO, 2013) que apontam a emergência, entre os jovens, de pautas que produzam sentido para eles e os mobilizam como atores políticos coletivos, tais como as causas identitárias o fazem. Segundo Corrochano, Dowbor e Jardim (2018) os jovens apontam preferir ações diretas, menos institucionalizadas, hierarquizadas e estruturadas. A conjunção dessas dimensões contribuiria para o enfraquecimento dos vínculos sindicais e mais ainda para o não reconhecimento dos sindicatos enquanto instância de representação política?

Se observarmos a taxa de filiação dos jovens podemos ser levados a concluir que a perda de vínculos com os sindicatos é irreversível, uma vez que as pesquisas vêm demonstrando pouca adesão desse grupo às associações sindicais (DRUCK; OLIVEIRA; SILVA, 2010; BRAGA; SANTANA 2015). Contudo, é importante ressaltar que essa não é uma tendência recente e que filiação sindical não é uma expressão direta e fiel do grau de engajamento sindical⁶. É preciso ir além das taxas de filiação.

Esse desencontro entre filiação e engajamento revela-se na pesquisa em relação a aspectos diversos, que abrangem desde a atuação efetiva até a percepção sobre a relevância e o conhecimento detido sobre os sindicatos. Por exemplo, entre os oito entrevistados sindicalizados, apenas dois – ambos telefônicos – atuavam nessas entidades, confirmando que sindicalização e ativismo não são sinônimos. É interessante notar que tanto entre os trabalhadores não filiados como entre os filiados apareceram críticas ao sindicato mas, ao mesmo tempo, a maioria dos entrevistados não sindicalizados reconhecia a relevância do trabalho sindical, indicando um descolamento entre filiação e valorização dessas atividades. Entre os oito participantes não sindicalizados, os metalúrgicos apresentaram maior conhecimento sobre os sindicatos; todos os entrevistados detinham muitas informações sobre as organizações que os representavam, mas, ainda assim, dois deles não consideravam os sindicatos importantes. Já entre os telefônicos, apenas um conhecia a atuação sindical; os outros três tinham pouquíssimas informações sobre o sindicato. Em relação a esses aspectos, duas observações se fazem necessárias:

A primeira trata da falta de comunicação e informação entre sindicalistas e trabalhadores, pois dos oito entrevistados não sindicalizados apenas dois mostraram rejeição aos sindicatos. Ou seja, a não filiação não significa uma repulsa aos sindicatos, o que foi observado está mais relacionado à falta de informação entre as partes.

⁶ É importante lembrar que no período analisado o arcabouço institucional dos sindicatos não incentivava a sindicalização, principalmente porque a Contribuição Sindical era obrigatória e todos os trabalhadores da categoria, filiados ou não, se beneficiavam com as negociações dos sindicatos. Entretanto, após as mudanças da reforma trabalhista, em 2017, a filiação passou a desempenhar papel central na sustentação financeira dos sindicatos.

A segunda observação diz respeito à falta de participação de jovens internamente nos sindicatos, pois dos oito entrevistados sindicalizados apenas dois se mostraram atuantes. (GARCIA, 2018, p. 56)

Essa reduzida participação também não se mostrou associada à falta de reconhecimento do trabalho sindical e tampouco significa uma resistência ao engajamento. Ao contrário, verificou-se significativa participação dos jovens trabalhadores entrevistados em mobilizações chamadas pelos sindicatos. Paralisações e greves são reconhecidas como recursos legítimos e importantes para garantir os direitos dos trabalhadores, seja em temas de dissídio ou de condições de trabalho. Essa percepção se concretiza em ação, pois todos os metalúrgicos sindicalizados relataram ter participado de greves e paralisações; mesmo entre os metalúrgicos não filiados, dois haviam participado desses movimentos. Dos 16 trabalhadores entrevistados, somente quatro afirmaram nunca ter participado de manifestações ou greves – dois telefônicos, um sindicalizado e um não sindicalizado, e dois metalúrgicos não sindicalizados.

Em suma, telefônicos e metalúrgicos apresentaram percepções e vivências sindicais menos discrepantes do que a hipótese inicial previa, considerando as diferenças relativas à inserção no trabalho. Uma chave para compreender esse resultado pode ser o fato de que, ao final, as trajetórias ocupacionais em ambas as categorias revelaram aproximações importantes, particularmente quanto à perda de sentido proveniente do trabalho efetivamente realizado. De fato, confirma-se o afastamento dos jovens em relação aos sindicatos; isso, porém, não significa uma percepção negativa ou uma falta de reconhecimento da atuação sindical. A rejeição ao papel dos sindicatos, de forma geral, foi exceção. Ainda que existam críticas, essas estão dirigidas às práticas sindicais, consideradas exageradas ou excessivamente radicais, e também à ligação com a política partidária (é expressada uma concepção recorrente de que a política deveria estar ausente nesses espaços). O acesso a informações sobre os sindicatos se mostrou um problema, especialmente entre os telefônicos, o que pode estar relacionado à alta rotatividade dos jovens no emprego.

3. REPRESENTAÇÃO E INCLUSÃO DOS JOVENS NOS MOVIMENTOS SINDICAL

Ainda parece necessário desconstruir algumas visões estereotipadas acerca da relação entre juventude e participação política, e, talvez, a mais prevalente seja a de que eles não se interessam pela política. É preciso discernir a descrença na política partidária do não reconhecimento da importância da política. A juventude está disposta a discutir assuntos políticos, porém tem desconfiança em relação aos espaços tradicionais de participação, o que também se reflete nos sindicatos. Nesse sentido, destaca-se a percepção negativa, que apareceu de forma espontânea e expressiva entre os jovens telefônicos e metalúrgicos entrevistados, acerca da relação entre os sindicatos e a política partidária. Os jovens consideravam funções principais dos sindicatos aquelas relacionadas a dimensões instrumentais, de negociação com as empresas; assim, na visão deles, as pautas político-partidárias eram inadequadas e acabavam ocupando espaço que deveria ser direcionado às questões sindicais.

Eu acho que por questão de política eles deixam um pouco de lado algumas questões que nós temos, dissídio, algum problema que nós temos referente à chefia ou alguma coisa que nós tentamos conseguir de benefícios. Eu acho que isso fica bem de lado, enquanto eles estão mais focados politicamente. Não acho que é totalmente errado, mas acho que a prioridade seria o trabalhador, não que política seja errado, mas eles poderiam se envolver em muitas outras áreas como alguma coisa em relação à saúde, à segurança, que eles não se envolvem, apenas política, então eu acho que eles acabam ferindo o principal. (Carlos, metalúrgico, sindicalizado, 26 anos)

Até mesmo a representatividade de sindicalistas em cargos eletivos e de confiança, que poderia fortalecer as pautas trabalhistas no legislativo e executivo constituindo posição estratégica para a defesa dos trabalhadores, assume conotação negativa entre os entrevistados. A ocupação de cargos no Estado é interpretada pelos jovens como oportunismo, ilustrado pela ascensão de projetos individuais dos sindicalistas. Assim, os jovens afirmaram não se sentirem representados pelos trabalhadores da categoria que estão em cargos políticos.

Vale ressaltar que nos anos 2000 as atuações do movimento sindical e dos movimentos de juventude seguiram por caminhos opostos. Com a chegada do PT no poder, em 2003, os sindicatos passaram a ter maior influência internamente no governo e margem de negociação institucional (ANTUNES; SILVA, 2015; CARDOSO, 2015; OLIVEIRA, 2015). Ao mesmo tempo, entre a juventude nesse período tomaram fôlego movimentos organizados de forma horizontal e métodos de ação direta (CORROCHANO; DOWBOR; JARDIM, 2018; GOHN, 2018; BRAGA, 2017).

Em 2013, a participação ativa da juventude na política brasileira deixou evidente o distanciamento entre os sindicatos e os jovens. Enquanto a categoria juvenil estava de forma massiva na rua, os sindicatos tiveram pouca inserção nas Jornadas de Junho. Observou-se, naquele momento, a grande dificuldade dos sindicatos para integrarem-se aos eventos que se sucederam nas ruas do país (BRAGA; SANTANA, 2015; CARDOSO, 2015). Um dos dirigentes sindicais entrevistados, o ex-Secretário de Juventude da CUT Nacional, avalia que o movimento sindical no Brasil usualmente atua como protagonista nas manifestações em que participa. Assim, a falta de tradição de atuação e articulação na condição de coparticipante poderia ajudar a entender a morosidade e dificuldade de inserção quando os sindicalistas não estão na posição de dirigentes do movimento.

O ex-Secretário de Juventude ainda acrescenta que a estrutura da organização sindical é lenta e burocrática, diferindo substantivamente da forma dinâmica que a juventude estava se organizando naquele movimento. Assim, para ele, o funcionamento do processo sindical repeliu uma possível integração dos jovens manifestantes com as entidades sindicais. A forma de agir politicamente naquele momento era um tipo de atuação política com a qual eles não tinham experiência.

Antes de junho o que a gente mais ouvia era ‘o jovem não quer sequer discutir política’, você passa nos bares as pessoas querem falar de futebol, de qualquer coisa, ninguém queria falar de política, a verdade é que de lá pra cá política é assunto de mesa de bar, e a gente falava isso lá atrás, se o conteúdo está deturpado ou não, aí cabe a nós disputar o conteúdo. Porque se antes você reclamava que a pessoa não tinha o interesse em debater, interesse agora ela tem. (ex-Secretário de Juventude da CUT Nacional, 35 anos)

Dessa forma, se a presença da juventude no movimento sindical e internamente aos sindicatos, na condição de novos filiados, já era uma pauta recorrente⁷, após as manifestações de junho de 2013 ela recebe maior visibilidade. Políticas internas para aproximar os jovens aos sindicatos entraram em marcha em vários sindicatos; vale ressaltar os dados do estudo realizado pelo DIEESE (2015) com dirigentes sindicais da CUT: 20,7% dos entrevistados afirmaram que nas suas entidades de base havia coletivo de jovens, e 17,7% relataram haver uma secretaria de juventude. Assim, quase metade dos dirigentes apontou ter núcleos voltados para a parcela juvenil. Entretanto, apesar desses esforços, algumas tensões internas ainda persistem em relação à atuação dos jovens nos sindicatos.

⁷ Em 1997 surge na CUT, sob a forma de coletivo de jovens, o que se tornaria, em 2009, a Secretaria Nacional da Juventude, expressando a preocupação em integrar os jovens ao sindicalismo (CUT, 2012). Esse segue sendo um tema importante para a Central, que, por meio de um acordo de cooperação com a Confederação dos Sindicatos Alemães (DGB), desenvolveu entre 2018 e 2020 o Projeto Juventude CUT, com objetivo de ampliar a participação dos jovens nas estruturas sindicais da entidade (ARAGÃO, 2018).

Se por um lado evidencia-se nos sindicatos a preocupação com o engajamento juvenil, por outro há inegável dificuldade de agregar os jovens aos espaços de tomada de decisão. Um aspecto expressivo da dimensão desse problema é que, mesmo com o alargamento da categoria juventude adotada pela CUT – que abrange indivíduos de até 35 anos –, ainda não há atuação significativa desse grupo na direção sindical. Os jovens dirigentes apontam tanto a falta de compreensão sobre as percepções dos jovens e suas demandas, quanto a insuficiência de ações voltadas para incluí-los nos espaços de poder dos sindicatos.

Os dirigentes sindicais da CUT falam sobre a ausência de espaço para a voz dos jovens dentro da organização e dos sindicatos nos quais atuam e que suas pautas, por essa razão, acabam restritas aos espaços da juventude, levando à formação do que eles denominaram de “guetos” dentro das entidades sindicais. Os jovens ainda destacam que o mesmo vem ocorrendo com os coletivos raciais, de pessoas LGBTQIA+ e de gênero, cujas bandeiras são tratadas de forma secundária, assim como as pautas da juventude.

Um dos grandes desafios é a aceitação de mulheres e de mulheres jovens nesse meio, tanto negra, branca, qualquer que seja, mas a dificuldade maior é as mulheres estarem a frente de uma pasta da juventude, de mulheres, de racismo, em uma presidência. (Secretária de Juventude da CUT Rio Grande do Norte [RN], agricultora, 29 anos)

Os temas ligados à raça, gênero e sexualidade assumem força dentro dos movimentos juvenis e tem potencial de se tornarem espaços de diálogo entre sindicatos e juventude. Nesse sentido, os jovens demandam um olhar plural sobre a classe trabalhadora, trazendo para o movimento sindical questões identitárias que sempre estiveram presentes, mas eram invisibilizadas. O grupo busca, dessa forma, desconstruir internamente nos sindicatos a dualidade entre pautas gerais e específicas e acabar com a unidade que homogeneiza os trabalhadores e encerra-os em um único modelo, ao passo que exclui outros. O relato da Secretária Adjunta da CUT explicita essa mudança de perspectiva dentro dos sindicatos.

[...] são escolas de formações diferentes, tem uma escola de formação lá atrás que priorizava, olhava unicamente para a disputa capital trabalho, e não levava muito em consideração a pluralidade da classe trabalhadora. A classe trabalhadora, ela não é homogênea, ela tem suas religiões, suas etnias, suas culturas, tem suas linguagens, né? (Secretária Adjunta de Cultura da CUT, professora, 31 anos)

A dificuldade de inserção dos jovens nos sindicatos e de suas pautas no movimento sindical se expressa nas barreiras para a participação dentro dos espaços de construção e de decisão política, como as diretorias e a executiva. Segundo os dirigentes entrevistados, os sindicalistas antigos atribuem aos jovens as tarefas consideradas, internamente, de menor importância.

Mesmo para tu entrar para as direções, para fazer só as tarefas é difícil. Agora entrando, se tu entra para dentro para discutir a política, muitas vezes tu é massacrado. Tem histórias, assim, horríveis que os meninos contam dessas situações [...] Para explicar um pouco a diferença, o sujeito pode ir na fábrica entregar o jornalzinho pra todo mundo, mas ajudar a *brefar* o jornal é difícil ele conseguir; escrever algum artigo de opinião naquele jornal que eles estão entregando, difícil ele conseguir também. E esse é um pouco o trabalho que a gente vem conseguindo fazer aqui, conseguindo empoderar um pouco os jovens, para eles entenderem que eles têm sim essa prerrogativa, que eles fazem parte da direção e que eles têm que ajudar a construir a política também. Não deixar de fazer as tarefas, que todos têm que fazer, inclusive os mais antigos. (Secretária de Juventude da CUT-RS, 32 anos)

Assim, além das disputas entre diferentes correntes políticas internas aos sindicatos, se observa também um conflito geracional, no qual a juventude reivindica espaços de troca de conhecimentos. A abertura de tais espaços simbolicamente representa o reconhecimento da capacidade e legitimidade para se fazer presente e ser escutado. Para os secretários, os espaços de formação não deveriam ser protagonizados exclusivamente pelos sindicalistas antigos, visto que os jovens também podem oferecer contribuições políticas, metodológicas e organizacionais para os sindicatos.

Os dirigentes relatam que muitas vezes, mesmo com a renovação de sindicalistas por meio da incorporação de juvenis, ainda se perpetuam ideias e práticas antigas. O ex-Secretário de Juventude, em um relato pessoal sobre seu engajamento no movimento sindical, conta que ao se engajar no movimento sindical, apesar de ter apenas 19 anos, já havia participado por cinco anos do movimento estudantil, momento em que estabeleceu contato com partidos e sindicatos. Essa experiência pregressa lhe valeu o domínio da linguagem do movimento sindical: ao ingressar, ele já detinha o que denominou como “vocabulário de velho”, habilidade que lhe facilitou a inserção conquistada. Ele explica como essa dinâmica está presente no perfil de jovens que conseguem uma maior integração no movimento sindical.

[...] alguém vai olhar e vai dizer ‘oh, aquele menino é bom, ou aquela menina é boa, vamos trazer aquele menino para o sindicato’. Mas por que aquele menino é bom? Mas por que vamos insistir naquele menino? É porque na verdade o velho vê naquele menino o que ele era na década de 1980. Na verdade, ele não vê naquele menino o que é a média da juventude atual. Então, acaba que, muitas vezes, quando ele consegue atrair para o movimento, essa pessoa vem disposta a se formar, a reproduzir práticas e conceitos que eram de quando ele era jovem na década de 1980, que já não dialoga com a juventude atual. Porque muitas vezes você consegue ter um jovem na direção, mas reproduzindo práticas e conceitos que não são jovens. É difícil você conseguir mudar a cara do sindicato, para o sindicato ficar mais jovial, esse eu acho que é o grande desafio. (ex-secretário de Juventude da CUT Nacional, 35 anos)

Para Novaes (2002) e Bezerra et. al. (2013), a geração anterior categoriza e compreende os anseios da juventude sempre em relação às suas vivências e experiências, ou seja, como comparação à sua própria juventude. Sendo assim, ocorre uma idealização da forma de atuação e, ao mesmo tempo, desvalorização e desqualificação da atuação política da juventude atual. A participação política dos jovens está sob permanente crítica do “mundo adulto”. Dessa forma, aos olhos dos sindicalistas juvenis, o protagonismo da juventude, embora perseguido pela central sindical por meio de ações que visam formar novos dirigentes, é limitado devido à presença constante dos dirigentes sindicais mais experientes.

O encontro geracional é carregado de ambivalências e dificuldades, pois se por um lado reconhece-se como positiva a troca de experiências, de outro desconfia-se que esse tipo de inserção continue reproduzindo lógicas vigentes, de modo a desestimular a ruptura com práticas e valores antigos. Persiste, assim, o desafio de transformação da estrutura organizativa do sindicalismo estabelecido. Para o ex-Secretário de Juventude, é pela voz da força juvenil que a renovação pode ocorrer.

[...] as atividades de juventude, elas precisavam ser feitas pela juventude, para a juventude. E a gente infelizmente vê muitas atividades de juventude compostas o tempo inteiro por pessoas mais velhas ou com análises de conjuntura feitas por pessoas mais velhas o tempo inteiro. Você acaba tirando o protagonismo juvenil naquele espaço. Lógico, a troca de experiências é bom, mas isso é ruim porque além de você tirar o protagonismo, você forma jovens “velhos”. (ex-Secretário de Juventude da CUT Nacional, 35 anos)

Além das dificuldades envolvidas na aproximação entre jovens e sindicatos, advindas em maior parte das resistências às formas de participação tradicionais, também estão presentes desafios para os sindicatos. Para os dirigentes, não se trata apenas de incorporar alguns jovens e suas demandas, mas de promover uma reconfiguração dos sindicatos, que deve objetivar o fim dos guetos de jovens, a maior inserção de negros e de pessoas LGBTQIA+, o acesso dos jovens ao espaço de tomada de decisão e a pluralização do olhar sobre o trabalhador, reconhecendo sua diversidade, a qual, longe de significar a fragilização do ator coletivo, fortalece o poder da comunidade ao incorporar as suas diferenças.

4. CONCLUSÃO

Diversos são os desafios colocados ao movimento sindical para a sua renovação. Instigadas pelos resultados da pesquisa, apresentamos algumas questões para reflexão a partir do ponto de vista dos jovens trabalhadores, buscando contrapor-se a definições essencialistas da juventude, que tomam esse grupo como naturalmente engajado ou, ao contrário, caracterizado por uma perspectiva individualista. Esse caminho foi guiado por uma concepção de juventude entendida não apenas como fase de preparação para a vida adulta, mas também como momento da vida dotado de características particulares, que carrega suas próprias questões e, ainda que envolva-se com processos de transição, não se resume a eles.

Ao escolher pesquisar trabalhadores, sindicalizados e não-sindicalizados, pertencentes a duas categorias heterogêneas entre si, buscava-se identificar se e como o tipo de inserção ocupacional, bem como as trajetórias profissionais mais ou menos coesas, respondiam por percepções distintas acerca dos sindicatos. A diferença mais marcante entre metalúrgicos e telefônicos se mostrou relacionada ao maior ou menor acesso e conhecimento de informações acerca dos sindicatos. Enquanto os telefônicos não sindicalizados pouco sabiam sobre as suas entidades, os metalúrgicos, sindicalizados ou não, tinham acesso a muitas informações sobre o sindicato.

Em relação à identificação dos jovens com a categoria à qual pertenciam e suas perspectivas de continuidade no mesmo ramo profissional, as visões dos metalúrgicos e telefônicos foram bastante similares: os entrevistados de ambos os grupos demonstraram insatisfação com o trabalho atual e procuravam recolocar-se em novas profissões. É significativo mencionar que mesmo os jovens não inseridos ativamente no movimento sindical reconheciam a importância dessas entidades. A pequena integração aos sindicatos se provou não redundar em baixa participação, de forma geral, nem ser expressão de desinteresse por questões trabalhistas e do campo da política, uma vez que os jovens trabalhadores entrevistados afirmaram ter participado de mobilizações de rua e também de paralisações e greves chamadas pelos sindicatos, estratégias reconhecidas por eles como formas legítimas de pressão para a conquista de direitos.

Os sindicatos emergem, na percepção dos jovens trabalhadores, como figuras cindidas. De um lado, as críticas à atuação sindical e aos sindicatos parecem se dirigir, sobretudo, à forma como eles se configuram e atuam e, em particular, aos vínculos estabelecidos com o âmbito da política, considerados inadequados pelos jovens trabalhadores por serem expressão da política tradicional que renegam. De outro lado, o sindicato como instituição social é percebido e reconhecido como força social reguladora das relações de trabalho e necessária à defesa dos trabalhadores. Contudo, a dimensão política intrínseca à atuação sindical não é percebida como legítima pelos trabalhadores.

Além disso, observamos alguns desafios para a integração dos jovens aos sindicatos, mostrando os diferentes rumos da organização da juventude e do movimento sindical. A renovação de sindicalistas, por meio da incorporação de jovens dirigentes, esbarra em diferenças geracionais significativas que se traduzem em formas de organização, práticas e ideias distintas. Enquanto os jovens sentem que suas propostas e práticas de ação não são reconhecidas e incorporadas pelos sindicalistas das gerações anteriores, por outro lado seus modos de organização e mesmo a linguagem política e performática são vistas com reserva pelos dirigentes de gerações anteriores, seja pela falta de experiência atribuída ao grupo juvenil, seja pela eficácia das antigas estratégias, já comprovada pelas longas trajetórias sindicais dos filiados mais velhos.

A presença de jovens na estrutura dos sindicatos ainda ocorre de forma tímida, havendo pouco espaço para suas bandeiras e notável dificuldade de acessar os espaços de poder. Em geral, os jovens sindicalistas estão restritos a setores e áreas específicas, como da juventude, cultura e lazer, o que expressa sua inserção subordinada à lógica tradicional da estrutura dos sindicatos. Assim, a juventude reivindica receptividade para as suas ações e visões, buscando não apenas representação, como também inclusão efetiva.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pareceristas anônimos pela leitura atenta e pelos comentários valiosos, que contribuíram para o aprimoramento deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; CASTRO, Elisa Guaraná de; VENTURI, Gustavo; LOBATO, Ana Laura; BEZERRA, Carla de Paiva (Org.). **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Agenda Juventude Brasil. Brasília, DF: SNJ, 2014.

ALCANTARA E SILVA, Pedro Henrique de; KREIN, José Dari. Comportamento da taxa de sindicalização nos governos do PT (2003-2013). In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 14., 2015, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: ABET, 2015.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. **Argumentum**, Vitória, v. 2, n. 2, p. 09-15, 2010.

_____; SILVA, Jair Batista da. Para onde foram os sindicatos? Do sindicalismo de confronto ao sindicalismo negocial. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 511-528, 2015.

ARAGÃO, Érica. CUT discute ampliação da participação dos jovens no movimento sindical. **CUT**, São Paulo, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/cut-discute-ampliacao-da-participacao-dos-jovens-no-movimento-sindical-e518>. Acesso em: 13 maio 2021.

BEZERRA, Heloísa Dias et al. Juventude e política: entre a vontade geral e o abandono do Estado. In: BEZERRA, Heloísa Dias; OLIVEIRA, Sandra (Org.). **Juventude do século XXI: dilemas e perspectivas**. Goiânia: Cânone Editorial, 2013. p. 95-132.

BRAGA, Ruy; SANTANA, Marco Aurélio. Dinâmicas da ação coletiva no Brasil contemporâneo: encontros e desencontros entre o sindicalismo e a juventude trabalhadora. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 529-544, 2015.

_____. **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global.** São Paulo: Boitempo, 2017.

CARDOSO, Adalberto Moreira. Dimensões da Crise do sindicalismo brasileiro. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 493-510, 2015.

CARRANO, Paulo. JOVENS, ESCOLAS E CIDADES: Desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 7-22, 2011

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 4, n. 1, p. 50-66, 2018.

CUT – CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Secretaria da Juventude. **15 anos de organização da juventude da CUT: por uma política de Estado contra o desemprego e a precarização do trabalho juvenil.** 2. ed. São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2012.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos socioeconômicos. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2015.** Juventude: livro 6. São Paulo: DIEESE, 2015.

DRUCK, Graça; OLIVEIRA, Luiz P.; SILVA, Selma. **A precarização social do trabalho no Brasil: o caso da vulnerabilidade dos jovens e dos sindicatos.** In: BRAGA, T.; VIDAL, F. NEVES, L. (Org.) Trabalho em questão. Salvador: SEI, 2010.

GARCIA, Mariana Hansen. **Jovens trabalhadores e o movimento sindical: percepções e participação sindical.** 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2018.

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, 2014.

_____. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, 2018

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. Capítulo 6.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. **Microdados.** Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. **Sidra: sistema IBGE de recuperação automática.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

NASCIMENTO, Érica; CORROCHANO, Maria Carla (Coord.). Jovens, sindicato e trabalho no setor de telemarketing. Rio de Janeiro: Ibase, 2007.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília (Org.). **Juventude em debate.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 46-69.

RODRIGUES, Iram Jácome; LADOSKY, Mario Henrique Guedes. Paradoxos do sindicalismo brasileiro: a CUT e os trabalhadores rurais. **Lua Nova**, São Paulo, n. 95, p. 87-142, 2015.

_____ ; RAMALHO, José Ricardo. Novas configurações do sindicalismo no Brasil? Uma análise a partir do perfil dos trabalhadores sindicalizados. **Contemporânea**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 381-403, 2014.

SANTANA, Marco Aurélio. Para onde foram os sindicatos? **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 453-456, 2015.

Recebido em: 20/08/2020

Aceito para publicação em: 28/03/2021